

## Comunicação, Cultura Germânica e Memória na Região do ABC Paulista: os registros do HiperMemo

### Communication, German Culture and Memory in the ABC Region in São Paulo: the HiperMemo's files

Beatriz Gracindo Lucas, [beatrizgracindolucas@gmail.com](mailto:beatrizgracindolucas@gmail.com)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Priscila Ferreira Perazzo  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS,  
São Caetano do Sul, São Paulo

Submetido em 13/09/2015

Revisado em 15/10/2015

Aprovado em 10/01/2016

**Resumo:** Esse artigo voltou-se para o estudo do sistema hiper mídias de memórias da população do Grande ABC, sediado na USCS – o HiperMemo. Esse sistema se apresenta como elemento de convergência entre novas tecnologias, memória e patrimônio cultural para registrar em audiovisual as narrativas de histórias de vida de moradores da região do ABC. Essa pesquisa baseia-se no acervo relacionado à comunidade cultural germânica formada nas cidades de São Caetano do Sul e Santo André, mais especificamente, como uma amostra das potencialidades do HiperMemo.

**Palavras chave:** Memória; Hiper mídia; Cultura; Comunidade.

**Abstract:** This article discusses HiperMemo, a hypermedia system that stores and preserves the memories of the population based on ABC Paulista, metropolitan region in São Paulo (Brazil). This system presents itself as an element of convergence between new technologies, memory and cultural heritage, in order to film and record the oral history narratives of these people living in ABC. This research is based on the data collection of the german cultural community formed in the cities of São Caetano do Sul and Santo André, more specifically, taken as a sample of HiperMemo's potential and capabilities.

**Keywords:** Memory; Hypermedia; Culture; Community.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, as inovações tecnológicas estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Têm interferido e transformado as relações humanas, permitindo-nos afirmar que com isso também há transformações na memória e no patrimônio cultural, se considerarmos que as novas tecnologias potencializam o processo de armazenamento das informações associadas à preservação da memória, coletiva ou individual.

Este trabalho baseou-se no estudo do acervo relacionado à comunidade germânica, formada nas cidades do ABC Paulista, que se constitui como uma parte do acervo disponível no sistema HiperMemo (figura 01), que acomoda diversos outros temas referentes à diferentes grupos sociais da região do ABC, como outras comunidades de cultura estrangeira, comunidades de artistas de teatro e músicos, escritores, jornalistas. Esse trabalho tem a finalidade de mostrar a importância e a potencialidade do sistema hipermidiático na preservação da memória. O HiperMemo é ampliado a cada pesquisa feita pelo Núcleo Memórias do ABC, do Laboratório Hipermídias da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), que desde 2003 desenvolve pesquisas a partir da memória dos moradores das cidades do ABC – Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul-, registrada por Narrativas Orais de Histórias de Vida das pessoas com base na metodologia de História Oral. Dessa forma, o sistema propõe uma preservação da memória e dos sujeitos, afinal,

as memórias individuais também se dão pelo ato de contar histórias, que acompanha o homem desde o início das civilizações, antes mesmo da língua escrita. Dessa forma a oralidade constitui-se em elemento fundador para que os relatos orais – fonte de saberes – ficassem gravadas na memória dos indivíduos, transmitindo em geração as crenças, as magias, os valores, a tradição (GOULART; PERAZZO, 2013, p.109).

O objetivo deste texto é mostrar que o sistema possibilita organização, disseminação e comunicação de identidades culturais, constituindo um patrimônio cultural imaterial no formato hipermidiático. Vivendo em uma

sociedade na qual a velocidade da informação e sua acessibilidade é muito valorizada, o HiperMemo justifica-se pela sua navegabilidade complexa e desafiadora na qual as informações (entrevistas gravadas, objetos e documentos digitalizados, textos transcritos das entrevistas, áudios e fotografias cedidas pelos depoentes-colaboradores) se interligam por *links* que garantem um passeio pelo universo cultural do ABC e de acesso ao público geral apenas em um *click*.

Pode-se dizer que existe um ciclo de “compartilhamento cultural”, no qual o colaborador (depoente ou entrevistado) conta a sua história de vida para o pesquisador que organiza, analisa e insere os dados no sistema (figura 02). Esses dados ficam disponíveis para o público e o internauta, ao fazer a busca tem a possibilidade de pensar em complementos diferentes para a pesquisa e compartilhar com outras pessoas. Nessa diversidade das buscas que os diferentes usuários podem compartilhar seus diversos universos culturais, sendo isso um dos pontos mais interessantes do sistema.

Os internautas, ao buscarem no sistema HiperMemo os elementos do patrimônio cultural ali organizado e registrado, poderão fazer perguntas mais complexas e diversificadas, além daquelas que o pesquisador se fez ao longo de sua investigação, pois, diante da diversidade cultural que apresentarem ao navegar pelos diversos sistemas da rede, cada um pode fazer perguntas e dirigir suas buscas de forma complementemente distintas (GOULART; PERAZZO, 2013, p.115).

Desse modo, o sistema hiperfídias estudado – HiperMemo - possibilita a inclusão do patrimônio cultural na rede digital, permitindo a conservação, o diálogo e a comunicação entre os agentes sociais que contam e interagem com as memórias de uma região.

Figura 01: *Print* do HiperMemo, página inicial.



Fonte: HiperMemo. <http://hipermemo.uscs.edu.br/novo/> Acessado em: 01/09/2015.

Figura 02: *Print* do HiperMemo, depoente Gertrudes Dal Pos.



Fonte: HiperMemo. <http://hipermemo.uscs.edu.br/novo/depoente/175/gertrudes-dal-pos.html> Acessado em: 01/09/2015.

## A Memória como instrumento social do sujeito

A memória das pessoas pode ser um instrumento social que possibilita potencializar a capacidade de sobrevivência, de associação, de protesto e de participação do indivíduo no interior de seu grupo, comunidade ou sociedade, na defesa de seus direitos, da sua existência cultural e da sua individualidade como sujeito da ação e da sua própria história. Permite um processo de “irradiação cultural”, ou seja, representa a interculturalidade das pessoas que narram suas histórias de vida, suas lembranças, sentimentos, visões de mundo. Diante de narração do “eu” como agente ativo e participativo do processo construtor da própria história, os relatos de memória são constituídos quando são proferidos oralmente por sujeitos que se recordam de suas experiências e de seus sentimentos, resgatando a si próprios e ao seu tempo, registrando por meio do relato pessoal. Segundo Ecléa Bosi (1979, p. 1), “este registro alcança uma memória pessoal que (...) é também uma memória social, familiar e grupal” e que se situa na “fronteira em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e da sua cultura”.

O narrador se torna sujeito da ação ao lembrar e narrar sua própria história, é ele quem pode se relacionar com o seu passado, pois só se remete ao passado por algum tipo de relato (SARLO, 2007, p. 13).

As memórias são elementos pelos quais se resiste e também se negocia e se interage com a globalização (MARTÍN-BARBERO, 2004). As narrativas da memória social, em suas variadas formas, bem como as visualidades culturais, se entrelaçam agora para dar novo sentido e nova forma às tradições culturais.

Concebe-se memória, nesse estudo, em seu sentido tanto individual quanto coletivo, relacionado às lembranças dos indivíduos (HALBWACHS, 1990). Essas lembranças ou informações traduzem-se em representações ou símbolos expressos no relato, cada sujeito narra a partir de seu lugar no mundo e constrói sua narrativa fazendo sua própria seleção do que narrar, do que contar e, sobretudo, do que registrar.

Outra forma de registro dessa memória pelo HiperMemo são as fotografias coletadas com os entrevistados que são digitalizadas e identificadas no sistema (figura 03). São fotografias que compõe o acervo pessoal do entrevistado, colocando imagens nos episódios narrados. Os entrevistados-colaboradores cedem suas imagens, aquelas que guardam ao longo de suas vidas, para serem digitalizadas e inseridas no sistema, formando assim o seu acervo pessoal. As fotografias formam o grupo de objetos mais volumoso do HiperMemo. Cada entrevistado pode ceder quantas imagens quiser e, muitas vezes, recebe-se dezenas delas.

Figura 03: *Print* do HiperMemo, acervo depoente Marta Wachtler.



Fonte: <http://hipermemo.uscs.edu.br/novo/depoente/178/marta-wachtler.html> Acessado em: 13/01/2016

Segundo Kossoy (2001, p. 55), “trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica” de cada uma das pessoas que contam suas histórias. As fotografias são identificadas pelo próprio cedente e para elas também é possível ter uma narração do depoente que resgata na sua lembrança mais informações sobre sua vida. Reunindo fotografias de pessoas pertencentes a um mesmo grupo, comunidade ou sociedade, encontramos semelhanças e memórias que se completam mesmo que os depoentes não se conheçam e não tenham proximidade. “Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A memória não é somente individual, assim como a história também não. A construção da memória se dá na ação dos grupos sociais e pode ser determinada pelas condições presentes do momento. A identidade de um grupo forma-se pelo sentimento de pertencimento a esse grupo e a memória torna-se, então, um instrumento de cada cidadão, para reconhecimento do grupo ao qual pertence.

Fotografias são capazes de construir ou reconstruir uma memória, pois ao olhar uma foto, o indivíduo ativa a memória e conta a história daquele determinado momento. Kossoy (2001) trata a fotografia como documento pelo fato dela ter sido considerada uma “prova” de tal acontecimento. Assim a fotografia de um momento de nossas vidas pode ser o instrumento de evocação da memória e acionar de diversas maneiras o conjunto de lembranças permitindo a construção da memória social, e não apenas a memória de um indivíduo. A foto de um depoente (figura 04 e 05) em algum momento de sua vida não diz respeito apenas sobre ele e sim sobre o grupo a qual ele pertence, e a história contada a partir da fotografia é essencial para a construção de uma memória social.

Figura 04: Pedro Josefino Pilo e sua esposa. Clube Teuto, em São Caetano do Sul, na década de 1970.



Fonte: Acervo de Pedro Josefino Pilo, HiperMemo/USCS.

Figura 05: Marta Erika Hölsel e João Christoph Becker, de volta ao Brasil, em uma festa de carnaval no Clube Aramaçan. Santo André, na década de 1950.



Fonte: Acervo de João Christoph José Becker, HiperMemo/USCS.

### **Comunicação e cultura germânica no ABC Paulista**

A comunidade de cultura germânica é um dos grupos sociais contemplados no sistema HiperMemo. Escolhido aqui para demonstrar como o HiperMemo possibilita a organização do patrimônio cultural de uma comunidade, nesse caso, de pessoas que comungam o universo cultural germânico. Vivendo em um país totalmente diferente da sua origem, os imigrantes germânicos tiveram muito que se esforçar para manter a cultura de sua pátria. Para preservar seus costumes e sobreviver, em um sentido cultural, passaram a criar diversas associações, como escolas, clubes, jornais e partidos políticos, de modo a estabelecer um forte sentimento de unidade em torno da comunidade. Em São Caetano do Sul, fundaram uma escola alemã em 1930 na Vila Paula (atual Bairro Santa Paula). Ex-estudantes dessa escola foram entrevistados e suas narrativas orais de histórias de vida foram registradas no HiperMemo, assim como outros imigrantes e descendentes germânicos do ABC paulista.

As pessoas entrevistadas para essas pesquisas estão a seguir ilustradas. Sobre cada entrevistado (depoente) várias informações culturais

foram coletadas e inseridas no sistema. Esses dados são organizados e disponibilizados pelo HiperMemo, como demonstrado a seguir:

Frida Schmidt (figura 06), 90 anos, filha de imigrantes austríacos, natural de São Caetano do Sul. Estudou por 4 anos no ensino primário na Johannes Keller Schule, escola alemã localizada no Bairro Santa Paula na cidade de São Caetano do Sul. Trabalhou como modista em São Paulo, na loja Modas Boriska, até se casar. Após o casamento, costurou em casa para clientes particulares. Bernard Robert Schmidt, imigrante alemão e colega de escola, foi seu marido por 58 anos, com quem teve 3 filhos. Contou histórias da situação dos imigrantes recém chegados no Brasil, de seus sogros na I Guerra Mundial, além de memórias da II Guerra e do Estado Novo brasileiro. O acervo de Frida conta com 65 fotos, a transcrição e o vídeo do seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 06: Frida Schmidt, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Gertudes Dal Pos (figura 07), 80 anos, filha de imigrantes austríacos, é natural de São Paulo. Completou o 1º grau em um Grupo Escolar de São Caetano do Sul, cidade onde morou até se casar. Casou-se com Geraldo Dal Pos, filho de imigrantes de alemães, residentes em Santo André. Seu sogro, Walter Dal Pos, foi um dos fundadores da Escola Alemã de Santo André. Gertrudes e Geraldo tiveram duas filhas e um casal de netos. Contou histórias da imigração de seus pais e de seus sogros, dos costumes da comunidade germânica na região, como escolaridade, culinária, entretenimento, festas, etc. Relata episódios de perseguição aos alemães no ABC na época da II Guerra.

Seu acervo conta com 27 fotos, a transcrição e o vídeo do seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 07: Gertudes Dal Pos, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Marta Wachtler (figura 08), 92 anos, é lituânia naturalizada brasileira. Imigrou para o Brasil ainda na infância com seus pais e irmãos, Vilius Raciunas e Amalija Raciunas. Ainda pequena, morou em Caxambu, no Estado de Minas Gerais, também em Caieiras e Jundiaí, no Estado de São Paulo, até se estabelecer em São Caetano do Sul na época da vida escolar. Estudou até o 5º ano na *Johannes Keller Schule*, escola alemã localizada no bairro Santa Paula na cidade de São Caetano do Sul. Trabalhou como cabeleireira e manicure até se casar. Conheceu Carlos Wachtler, seu marido, ainda na época em que estudavam na escola alemã. Marta e o ferramenteiro Carlos tiveram 4 filhos. Marta tem recordações das situações pelas quais passaram sua família e outros imigrantes na época da chegada ao Brasil, dos costumes dos imigrantes germânicos no ABC, como suas confraternizações em clubes e escolas e a preservação da língua alemã no seio familiar. Contou ainda histórias do serviço militar de seu pai na Rússia, da II Guerra Mundial e da crise financeira durante a ditadura militar. Seu acervo tem 20 fotos, a transcrição e vídeo do depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 08: Marta Wachtler, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Pedro Josefino Pilo (Figura 09), 88 anos, filho de imigrantes austríacos, natural de São Caetano. Seus pais se separaram e Pedro foi criado pela mãe e avó. Estudou dos 6 aos 9 anos na *Johannes Keller Schule*. Trabalhou principalmente com estruturas metálicas, nas funções de serralheiro e mecânico de manutenção em empresas como União dos Construtores e Pierre Sabi. É casado com Maria, também descendente germânica, com que tem dois filhos e duas netas. Contou histórias da infância como filho de pais separados, da influência da cultura alemã e do regime nazista durante sua vida escolar e da II Guerra Mundial. O acervo de Pedro tem 21 fotos, transcrição e vídeo do seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 09: Pedro Josefino Pilo, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Miguel Zvonimir Krouman (figura 10), imigrante da Iugoslávia, veio para o Brasil, ainda criança, com a mãe, Liza Dubanic, porque ela temia a invasão

russa na Iugoslávia. Não conheceu o pai. A mãe casou-se novamente, no Brasil, com um imigrante alemão. Casou-se, em 1950, com Catharina. Trabalhou como ferramenteiro, inclusive na Wolf Metal, companhia alemã, fazendo gravações em aço inox. Vivenciou a II Guerra Mundial, o nazismo e a ida da fábrica da Volkswagen para São Bernardo do Campo. Tem lembranças das greves em São Bernardo do Campo. Seu acervo tem 18 fotos, transcrição e vídeo de seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 10: Miguel Zvonimir Krouman, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Louise Babisch (figura 11), 80 anos, nascida em Colônia, na Alemanha. Sua juventude foi marcada pela II Guerra na Alemanha. Ela, seus pais e seu irmão imigraram para o Brasil em 1950. Instalada inicialmente em São Paulo e depois em Santo André, Louise trabalhou como secretária até se casar com Walter, também alemão. Frequentadores da Sociedade São Miguel, o casal sempre residiu no bairro Campestre, também em Santo André, e é pai de Walter. Viúva, hoje Luise é avó de dois meninos (HiperMemo, 2015).

Figura 11: Louise Babisch, em sua residência na cidade de Santo André, em 21/07/2014.



Acervo HiperMemo/USCS.

Marta Erika Hölsel (figura 12), na época com 81 anos, nasceu na Alemanha em 1930, de família abastada. Com a ascensão de Hitler, seu pai foi assinado pelos nazistas por ser opositor dessa política. Imigrou com sua mãe para o Brasil aos 4 anos de idade e morou na cidade de Santo André, com os tios (cuja tia era irmã de sua mãe). Após o falecimento de sua mãe passou a morar com os tios e o primo (João José Cristovão Becker). Em 1938, toda a família voltou para a Alemanha, onde enfrentaram a guerra de 1939 a 1945. Em 1948 imigrou definitivamente para o Brasil, com os tios e o primo a quem passou a considerar seus pais e irmão. Trabalhou no bar da família e depois foi manicure. Morou sempre em Santo André. Contou suas vivências durante a guerra, o bombardeio em Dresden, a ocupação soviética, as dificuldades da imigração e seus hábitos culturais alemães no Brasil (HiperMemo, 2015).

Figura 12: Marta Erika Hölsel, em sua residência na cidade de Santo André, em 23/09/2011.



Acervo HiperMemo/USCS.

João Christoph José Becker (figura 13), 81 anos, brasileiro filho de imigrantes alemães, passou sua infância em meio à II Guerra Mundial na Alemanha, de 1938 a 1948. De volta ao Brasil, seus pais abriram um bar e restaurante para recomeçar a vida. João formou-se em medicina em 1967. Casou-se com Berenice com quem teve três filhos: João, Karem e Luís. Seu acervo possui cerca de 190 fotos, transcrição e vídeo do seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 13: João Christoph José Becker, em sua residência, na Lapa, em 16/07/2014.



Acervo HiperMemo/USCS.

Antonio Laefort Filho (figura 14), na época com 80 anos, imigrante, seus pais vieram da Romênia na década de 1920 por conta da I Guerra Mundial. Contou histórias sobre a imigração e sua infância. Seu acervo tem duas fotos, transcrição e vídeo do depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 14: Antonio Laefort Filho, em estúdio no campus Barcelona da USCS, em 11/12/2008.



Acervo HiperMemo/USCS.

Aleksandar Jovanovic (figura 15), 65 anos, veio com os pais e a avó para o Brasil aos 4 anos de idade. Após um breve período em São Paulo, mudou-se para Santo André, onde estudou e mora desde então. Formado em Letras e Jornalismo, é doutor em linguística pela USP, onde também leciona. Sua carreira acadêmica é perpassada também por contribuições com o serviço público e pela atuação como editor de jornais (HiperMemo, 2015).

Figura 15: Aleksandar Jovanovic, em sala de reunião no campus Barcelona da USCS, em 27/08/2014.



Acervo HiperMemo/USCS.

Carlos Musskopf (figura 16), parte da quarta geração de brasileiros descendentes de alemães no Brasil, a infância de Carlos é passada na cidade gaúcha de Esteio. A partir de sua juventude, Carlos passa a morar em diversas cidades ao redor do mundo, sempre exercendo o cargo de pastor na Igreja Luterana. É casado com a também pastora Ruth Winckler Musskopf e pai de Nicolás e Tamara. Seu acervo tem aproximadamente 90 fotos, transcrição e vídeo do seu depoimento (HiperMemo, 2015).

Figura 16: Carlos Musskopf, em sua residência paroquial, em Santo André, em 29/04/2014.



Acervo HiperMemo/USCS.

Carlos Braack (figura 17), 71 anos, primeiro brasileiro a nascer em um campo de concentração no Brasil. Filho de alemães ex-tripulantes do navio Windhuk, teve sua infância marcada pela luta dos pais para se estabelecerem no país. Morador de Mauá, antes de se mudar para a capital. Formado em eletrotécnica no Mackenzie, a vida adulta de Carlos tem várias passagens por empresas alemãs e iniciativas empreendedoras. Casado e pai de uma filha, o hobby do aposentado Carlos é velejar (HiperMemo, 2015).

Figura 17: Carlos Braack, no salão de festas de seu prédio, em Santo Amaro, em 22/08/2014.



Acervo HiperMemo/USCS.

Rosvita Grabner (figura 18), 63 anos, filha de imigrantes alemães, nasceu em São Caetano do Sul e morou no ABC durante quase toda sua vida, com algumas passagens pela Alemanha. Com formação e pós-graduação em Turismo, sua vida profissional é marcada por oportunidades criadas por seu

desempenho na língua alemã. Aposentada, tem um irmão e é tia de uma menina, Brigitte. Viaja constantemente para visitar familiares na Alemanha e Argentina (HiperMemo, 2015).

Figura 18: Rosvita Grabner, no salão de festas de seu prédio, em 15/04/2015.



Acervo HiperMemo/USCS.

### **O HiperMemo da cultura germânica**

Os resultados dessa organização sistematizada de dados demonstraram a forma de conservação da memória por meio do acervo, sendo esse um instrumento social que possibilita potencializar a capacidade de sobrevivência, de associação, de participação do indivíduo no interior de seu grupo, comunidade ou sociedade, como sujeito da ação e da sua própria história. “Os imigrantes alemães, ao chegarem ao Brasil, por se tratar de um país muito diferente do deles, logo procuraram lugares onde pudessem se comunicar com outros que falassem a mesma língua que a sua” (ISZLAJ JUNIOR, 2014, p. 12), potencializando a sobrevivência da própria cultura. A região do ABC, mesmo não tendo sido o primeiro destino desses imigrantes, representou o espaço onde se encontraram e conviveram aqueles que tinham a cultura germânica em comum e que por diferentes destinos da vida acabaram por chegar à região.

Constata-se na narrativa dos entrevistados moradores do ABC que a comunidade germânica manteve seus laços. Todos os depoentes, ainda hoje, conhecem e expressam a língua alemã de alguma maneira. “A língua,

novamente associada à ideia de pátria, pode ser ligada também à existência no mundo. Ser um “vencedor na vida” é existir no mundo” (PRADO, 2015, p.118).

Na maioria das vezes, o sentimento de pertencimento a uma identidade étnica é definido a partir de elementos como a língua falada no âmbito das relações familiares, os hábitos e outros costumes, os estereótipos associados à condição étnica, além de outros fatores (GREGORY, 2013, p. 22).

Na fala de Gertrudes podemos identificar a importância que a língua tem para ela, ao deixar um conselho para as futuras gerações:

Em primeiro lugar, que eles sempre tenham em mente sua pátria, sua língua. E em segundo lugar, que estude uma segunda [língua]. Se tiver uma família, alguém, com a origem de qualquer idioma, seja ela qual for, estude aquela, para que sejam uns vencedores (Gertrudes Dal Pos, 11/12/2008, HiperMemo/USCS).

Frida, Gertrudes, Marta, Pedro e Louise se casaram com pessoas de origem imigrante, todos os depoentes passaram para seus descendentes pelo menos algum traço cultural (o ensino do idioma, receitas culinárias típicas e costumes) como forma de conservação da tradição obtida advinda da cultura alemã.

Podemos analisar também que a construção da identidade também se dá pelo sentimento de pertencimento a uma mesma unidade de todos os seus sujeitos:

O conceito de identidade indica semelhança a si próprio por meio de um processo de reconhecimento do outro. A identidade coletiva de um grupo se processa por sentimentos de pertencimento a esse grupo, garantidos por imagens ou símbolos que permitem o reconhecimento do outro como as si mesmo (GOULART;PERAZZO, 2013, p.118).

Assim, o conjunto de narrativas de histórias de vida, associados às imagens cedidas pelos próprios narradores, organizados no sistema HiperMemo, permite-nos ter acesso de forma sistematizada a um patrimônio cultural que conjuga o indivíduo em sua história pessoal, em suas experiências

singulares e suas subjetividades próprias com o universo maior de sua comunidade, de seus sentimentos comuns entre os membros, de visualização de sua identidade social. Nesse sentido, o HiperMemo como sistema digital e acessível pela rede de computadores pode ser um instrumento de patrimônio para uma sociedade, pois, como considera Castells (2004), a internet é o tecido da vida social neste momento. É um meio para tudo, que interage com o conjunto da sociedade.

### **Considerações finais**

Conclui-se então que o HiperMemo possibilita a potencialidade e a conservação da cultura de diferentes grupos sociais ou comunidades culturais. Nele os indivíduos têm acesso à informação não só como receptores, mas também como colaboradores. Ao resgatarem suas lembranças, narrarem suas histórias de vida e contribuírem com suas fotografias, os depoentes se tornam sujeitos da ação e colaboram para a (re)construção de sua identidade, do seu grupo e do seu próprio “eu”.

Além disso, o sistema permite a percepção da identidade coletiva que gera nos colaboradores-depoentes a sensação de pertencimento a determinado grupo. Mesmo que não se conheçam, há uma ligação entre os entrevistados. A ligação acontece pelos mesmos costumes vividos, pelos trajetos feitos, pelos valores aprendidos e ensinados, ou até por um brinquedo que tiveram na infância, e que ao reconhecerem no outro estreitam os laços de pertencimento a um mesmo grupo social. É como se pertencessem a uma "grande família metafórica, formada por muitos e muitos sobrenomes, mergulhada em uma mesma história coletiva, constituindo-se assim a memória coletiva dessa comunidade" (PRADO, 2015, p.124).

O registro e o armazenamento do patrimônio de diversas comunidades permite a construção das suas próprias identidades por meio de suas memórias, e sendo o HiperMemo um acervo digital possibilitamos a conservação e o compartilhamento dessas memórias no mundo contemporâneo. Para a região do ABC, o sistema possibilita a constituição de um patrimônio cultural imaterial,

que ao acessar o sistema, encontrará costumes, práticas e ideias iguais à dele, de seus ancestrais, de seus vizinhos, etc.

Assim, compreendemos que a memória, os relatos, as histórias de vida, as experiências contadas, comunicam e continuarão a comunicar, sobretudo por sistemas hipermediáticos como o HiperMemo. Com a capacidade de novos olhares, novas perguntas, outras análises, diferentes pensamentos, complementos sobre o mesmo material, o mesmo depoimento e a mesma fotografia.

### Fontes Orais

Gertrudes Dal Pos, gravado na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano, 11/12/2008, HiperMemo/USCS.

### Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (org). **Por uma outra comunicação: mídias, mundialização cultural e poder**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 255-287.

GOULART, Elias Estevão; PERAZZO, Priscila F. Sujeito social, memória e comunicação: a experiência hipermediática do sistema HiperMemo. In: PESSONI, Arquimedes; PERAZZO, Priscila F (org). **Neorreceptor no fluxo da comunicação**. Porto Alegre: EDUPCRS, 2013. p.107-122.

GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. **Cadernos Adenauer**. nº XIV, 2013, p. 9-27.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

ISZLAJI JUNIOR, Alberto. **Tradição e inovação em processos de comunicação da cultura: comunidade e memória de associações culturais germânicas (Campo Belo – SP)**, 2014. Dissertação ( Mestrado em Comunicação), Universidade de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação. In: MORAES, Denis de (org). **Por uma outra comunicação: mídias, mundialização cultural e poder**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 57-86.

PRADO, Mariana Lins. **Comunicação, Identidade e Memória na Comunidade Germânica no ABC Paulista**, 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS, São Caetano do Sul, 2015.

SARLO, Beatriz. **Tiempo Pasado**. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.